PSICOLOGISMO: A LIBERDADE TRAVESTIDA

Carlos R. Drawin

I

Vivemos numa sociedade pluralista, sobretudo no que se refere a estilos de comportamento, valores, padrões de avaliação moral. Esta constatação torna-se tão mais evidente, quanto mais avança o processo de modernização social: nas megalópoles, a secularização, a desagregação não mais da família rural-patriarcal, mas também da família nuclear-urbana. Longe do olhar severo das instituições, sobretudo do circuito família-igreja, que tradicionalmente se punham como guardiãs de moralidade pública, abre-se, neste contexto, um novo espaço para a liberdade individual. Não se pode desconhecer, por exemplo, que as práticas religiosas, nas pequenas cidades do interior, eram menos um exercício de piedade, do que um mecanismo sutil de controle institucional do comportamento e que, transpostas para um mundo dessacralizado, perderam em muito sua força coatora (1).

Entretanto, este indivíduo "liberado" que, resguardado pelo anonimato, pode escolher o estilo de vida que melhor lhe convier, adotando diferentes formas de sexualidade e relacionamento, mais ou menos independentes de uma normatividade rigidamente homogeneizadora, é o mesmo que se abisma hoje na perplexidade e no mal-estar. Verifica-se, então, que a equação freudiana civilização = repressão = neurose, é bem mais complexa do que a princípio se quis crer e que, ingenuamente, se divulgou (2).

Isto não significa, entretanto, que se quer repetir aqui o conhecido artifício conservador: recorre-se, alegremente, ao "fracasso" da

mudança, como prova do acerto do passado. Seria, aliás, alegria efêmera, pois tudo indica que o desmoronamento da sociedade tradicional é um evento histórico irreversível. Ao contrário, pretendemos apenas partir de um dado psico-social, comprovado por uma abundante bibliografia, registrado e diagnosticado vagamente como "solidão de massa": esta incapacidade do indivíduo de, por um lado, estabelecer laços comunitários (anomia) e, por outro lado, de construir sua própria identidade (alienação). Desencadeia-se, assim, uma dupla ruptura: a dos processos psicológicos da individuação e a das formas de sociabilidade a eles articuladas (3).

Neste horizonte irão emergir uma infinidade de panacéias psicológicas, que se propõem a resgatar a "unidade perdida", o "sentimento de pertença ao mundo", o "reencontro com o Ser", e que compõem o quadro que o modismo atual, sintomaticamente, denominou "espaço Psi". Trata-se, na verdade, de um conjunto de discursos descontínuos e de técnicas heterogêneas, quer em seus pressupostos, quer em sua operacionalidade, mas que encontra a sua unificação ideológica no mesmo objetivo: exorcizar as mazelas de uma sociedade industrial, tecnicizada, burocrática e consumista. Abre-se, assim, no campo do comportamento, um espectro indefinido de alternativas, que vão desde o orientalismo mais abstruso até as inúmeras técnicas de "sensibilização", "soltura de corpo", etc.

Se realizarmos uma pequena amostragem das ofertas que se encontram neste "bazar das ilusões" ficaremos, certamente, surpresos com a quantidade e variedade de seus ítens: bioenergética, meditação, Gestalt, terapia aquática, centramento, Massagem reichiana, Do-in, sonhodrama, quiroprática, Shiatsu, laboratório orgânico, Rolfing, psicotranse, abertura respiratória, corpoterapia, iridologia, atelier de emoções, psicologia do colonizado, e mais uma infinidade de mercadorias. No caos deste "boom" psicologista pode-se, entretanto, reconhecer uma característica comum: a redução dos fenômenos sociais complexos ao plano individual e a compreensão deste num quadro de referências francamente irracionalista. Portanto, atitude contra-cultural, irracionalismo e individualismo irão ser os parâmetros ideológicos deste movimento difuso que denominaremos "psicologismo" (4). Deixaremos de lado, intencionalmente, as conseqüências psicológicas de muitas destas "terapias", implicando regressões mórbidas, processos dissociativos e, até, suicídios, pois tal abordagem envolveria uma discussão técnica de casos clínicos. Atemo-nos, apenas, ao nível da *crítica cultural,* desdobrando-a em duas partes, a saber:

1º – Pressupostos histórico-epistemológicos do psicologismo;
2º – Conseqüências sócio-políticas do psicologismo.

II

Os manuais introdutórios de diversas disciplinas das ciências humanas costumam indicar uma data referência alusiva ao seu ingresso no mundo oficial da ciência (5). Emergindo de um conjunto disperso de saberes pouco rigorosos, marcadamente especulativos, englobados genericamente como "filosofia", a nova disciplina tem a sua cidadania científica reconhecida: fundam-se cátedras, um espaço acadêmico específico lhe é destinado e, finalmente, se lhe atribui uma localização determinada no quadro classificatório do conhecimento. No campo das ciências humanas, o acesso à maioridade científica é definido em referência ao paradigma representado pela concepção empírico-formal do saber, que encontrou na física moderna, galileano-newtoniana, a sua mais perfeita expressão. Reconstrói-se, assim, retrospectivamente, a história da cientificidade: consagra-se, um tanto arbitrariamente, uma data que, menos do que uma fatualidade histórica, funcionará simbolicamente, marcando o triunfo do saber positivo sobre as trevas da ignorância metafísica. Este procedimento apresenta-se de forma excepcionalmente clara no caso da Psicologia: o ano de 1879 é festejado como o seu "no return point" epistemológico, assegurando-se, então, a sua definitiva emancipação da filosofia, que pôde, felizmente, se materializar na fundação, por Wilhelm Wundt, de um laboratório de investigação experimental dos "fenômenos psíquicos", em Leipzig. A imagem do laboratório é significativa, pois nela viabiliza-se o ritual da ciência: pode-se imaginar, então, o novo cientista em seu trabalho, de avental branco, cercado de enigmática aparelhagem, a transformar os mistérios da mente em eventos observáveis e controláveis. Agora será apenas uma questão de tempo, para que se faça a luz onde antes só havia trevas. Será esta a auto-compreensão experimentalista veiculada pela Psicologia acadêmica em sua ansiedade por responder a um desafio preciso: o *interdito positivista* que, desde a obra de Augusto Comte, lhe pesava. Ou seja: na classificação comteana das ciências não havia um lugar para a Psicologia, uma vez que o seu "objeto" era repartido entre a Sociologia, destinada a estudar a dimensão social do comportamento e a Biologia, destinada a estudar a dimensão genético-fisiológica do comportamento (6). O Homem era definido como o entrecruzamento das duas dimensões, ambas sendo passíveis de investigação experimental, porque se inscrevem no campo da exterioridade, isto é, da verificação inter-subjetiva. Este

seria um veredito fatal para a Psicologia, porque a ciência se define pelo seu "objeto" e parecia impossível recortar no espaço epistemológico, entre a Sociologia e a Biologia, a sua especificidade.

Para superar o grave desafio do veto comteano, a Psicologia terá de procurar assegurar-se rigidamente de seu rigor metodológico. Assim, aceitando como legítimo este pressuposto positivista, os primeiros psicólogos procuraram não estabelecer "a priori" o seu objeto, mas, antes, construir um conjunto de operações metodológicas, a partir do qual se pudessem definir as condições de possibilidade de sua ciência. Portanto, o seu "objeto" ficaria "sub judice" da metodologia. Uma situação evidentemente delicada, se a compararmos com o surgimento das outras ciências na modernidade. Abordando, por exemplo, um fenômeno complexo como o da percepção: a Física estudaria os estímulos existentes no ambiente, a natureza do mundo material (luz, calor, etc.), a Fisiologia estudaria os mecanismos subjacentes à apreensão e transmissão destes estímulos (processos neuro-químicos), e a Psicologia estudaria as sensações, que são o produto dos estímulos físicos decodificados pelos mecanismos fisiológicos, ou seja, a irredutibilidade dos conteúdos da consciência. Como se vê, os fenômenos estudados pela Física e pela Fisiologia se passam, aparentemente, no plano da *exterioridade,* do observável, do mensurável, que se traduz na linguagem da positividade, enquanto a Psicologia, ao contrário, não desfruta desta posição confortável, pois deverá demonstrar, antes de produzir qualquer efeito de conhecimento, como o seu "objeto" pode tornar-se um "objeto científico". Uma vez demarcado um campo irredutível de fenômeno, irredutível exatamente porque constituído no espaço da subjetividade, deverá selecioná-los em função de uma metodologia dada.

O impasse é evidente: como traduzir, na *dimensão da exterioridade,* o que parece pertencer à *dimensão da interioridade?* Por exemplo, como tornar acessível à observação inter-sujetiva um conteúdo de consciência que é essencialmente individual? Como exprimir nos termos de uma linguagem objetiva, unívoca, sem se cair em grosseiro reducionismo, a diferença entre uma secreção endócrina e uma vivência emocional? Entretanto, foi o que se pretendeu desde o projeto de criação de uma Psicofísica, até o desenvolvimento do método conhecido como "introspecção experimental". O preço que se pagou foi alto: para se obter pequenos êxitos, como o estudo dos limiares diferenciais da sensação, foi necessário sacrificar a complexidade, a própria especificidade dos fenômenos investigados. E, mesmo assim, as dificuldades parecem insuperáveis, embora toda fase inicial

da Psicologia esteja marcada por esta *ênfase metodológica.* Foi a época em que se constituíram as suas grandes "escolas": o estruturalismo, o funcionalismo, a reflexologia, a Gestalt, e que encontrará a sua consumação na revolução behaviorista de Watson. Será a consequência lógica do pressuposto com que se trabalhou: será necessário abandonar toda veleidade de se estudar a "mente", o "psiquismo", a "consciência", pois o psicólogo deverá se restringir à análise experimental do comportamento, isto é, da rede de estímulo e respostas que o estrutura, quer a nível humano, quer a nível animal. Há apenas uma diferença quantitativa, uma vez submetidos à tirania do modelo, entre a criatividade de um gênio poético e a aprendizagem de um rato faminto num labirinto. Este "ratomorfismo" deverá desconhecer todos os processos de mediação simbólica implícitos nos comportamentos propriamente humanos, quer enquanto interpretam o mundo (linguagem), quer enquanto o transformam (trabalho, no sentido tanto de fazer técnico como de agir moral) (7). Porque, na verdade, não se procedeu a uma abstração metódica para a construção de um modelo a partir da complexidade do objeto, mas se partiu da necessidade "a priori" do modelo e, com ele, se suprimiu o objeto inconveniente: a ciência *é* assim, a realidade que se enquadre nela. Este é um modo bastante singular de se estudar o Homem: para viabilizá-lo é necessário apenas abstrair-se do próprio Homem. E após mais de meio século desta Psicologia, chega-se a um saldo melancólico: o enorme montante de dados, medidas, experimentos e artigos especializados, redundou numa produção irrelevante de conhecimentos. Porque, como agudamente observou Sartre (8), o acúmulo de fatos heteróclitos, ao invés de um avanço científico, torna-se um obstáculo epistemológico, que nos impede de repensar o marco teórico que opera silenciosamente sob a rotina da pesquisa empírica. Abre-se um perigoso abismo entre a grande teoria, a construção conceitual complexa e a investigação, experimental ou de campo, que se restringe intencionalmente aos problemas menores decorrentes da sua viabilização. Retirada de um horizonte mais amplo, esta acaba por transformar-se em um apêndice da instituição acadêmica, reproduzindo indefinidamente sua irrelevância em teses, currículos e relatórios. A consciência deste impasse, este jogo de uma proclamada sofisticação e uma dissimulada esterilidade irá se generalizar nos Estados Unidos a partir de 1950 (9), desencadeando o movimento que passamos a denominar de *reação humanística.* Este afirma-se em nome da irredutível complexidade do Homem e dispõe-se a não mais sacrificá-lo no altar da metodologia. Para a formação deste novo "humanismo", cujo impacto se dará, sobretudo, no âmbito da psicologia clínica, irão confluir diversos elementos teóricos dispersos:

a psicopatologia de Goldstein, as psicologias do Ego, a neurofisiologia evolutiva de Jackson, a teoria dos sistemas de von Bertalanffy, a importância crescente dos processos simbólicos nas teorias da aprendizagem, etc. Mas o elemento, estranho ao mundo intelectual anglo-saxônico, que irá colorir todo este panorama e compor o seu pano de fundo será, sem dúvida, um certo existencialismo vagamente apreendido pelos psicólogos americanos. Livros como "A Peste", de Camus, "Do Sentimento Trágico da Vida", de Unamuno, "O Existencialismo é um Humanismo", de Sartre, "A Coragem de Ser", de Tillich (10), exercem uma influência impressionante, embora tenham sido enxugados de seus traços europeus menos assimiláveis, como certa orientação "pessimista" ou o remetimento a uma reflexão filosófica mais densa (11). O novo enfoque será autocaracterizado, utilizando a terminologia heideggeriana de Binswanger, pelo deslocamento da ênfase na relação do Homem com seu ambiente inespecífico (Umwelt), para a relação inter-pessoal, do Homem com seus semelhantes (Mitwelt), ou, mais propriamente ainda, para a relação do Homem consigo mesmo (Eigenwelt) (12). Na verdade, há neste deslocamento uma inversão completa do behaviorismo, tal como foi programaticamente proposto por Watson. Podemos sumariar as suas proposições básicas, como se segue:

1º) — Há uma diferença crucial entre a psicologia animal e a psicologia humana. Ou, nas palavras de Laing, "há uma descontinuidade ontológica entre seres humanos e seres-coisas" (13);

2º) — Para se caracterizar o "humano como "humano", é preciso compreender a ação não apenas enquanto uma *forma de exterioridade,* fruto da interação com o meio, mas enquanto *forma de expressão,* que se refere a um "eu centralizado", que é doador de sentido (14);

3º) — Esta centralidade implica uma *abordagem holística,* em que todos os mecanismos se articulam sinergicamente, em oposição a uma *abordagem analítica,* como ocorre no modelo Estímulo-Resposta e em suas derivações;

4º) — Ao se abandonar o axioma da adaptação organismo-meio, que está presente no comportamentismo, revela-se então, como inadequada, uma *teoria econômica da personalidade,* que se funda sobre a idéia de que o sistema psíquico tende para o repouso, para a tensão zero (15). Ao contrário, deve-se adotar uma *teoria ontogenética da personalidade,* que se funda sobre

a idéia de que o sistema psíquico tende para a auto-realização total de suas potencialidades;

5º) — Finalmente, para que esta teoria dinâmica da personalidade não resvale para uma concepção arbitrária de devir, é necessário supor que os processos de auto-atualização e individuação se estruturem em função de um *"télos"*. Isto implica que a Psicologia não deva ser uma ciência meramente *descritiva* (observacional, investigação de campo) e explicativa (estabelecendo relações experimentais entre variáveis), mas, sobretudo, *compreensiva* (desvelando a implicação axiológica do conceito de personalização).

Esta breve caracterização parece indicar que a psicologia americana foi submetida a uma verdadeira "revolução copernicana": a *categoria epistemológica de comportamento* (o que é passível de ser tomado como objeto científico) dá lugar à *categoria antropológica de subjetividade* (o que define a especificidade irredutível do Homem). Entretanto, menos do que uma "revolução", trata-se de uma "reação", e esta também, como toda inversão reativa, se inscreve no mesmo espaço ideológico que pretendeu superar.

III

Este movimento, que se auto-denominou "terceira força", ou seja, a alternativa entre o behaviorismo e a psicanálise freudiana, converteu-se rapidamente num modismo vertiginoso. Rompido o paradigma metodológico da psicologia acadêmica, tudo parece então ser possível e, quanto maior desprezo um autor votar ao rigor demonstrativo (lógico ou empírico), tanto maior será o seu prestígio de inovador. Substituiu-se o método pela vivência empática, a construção conceitual rigorosa, pelo depoimento, pelo testemunho, pelo ecletismo teórico. Onde antes havia rigidez formal e pobreza heurística, passou a haver riqueza intuitiva e caos epistemológico. À esterilidade seguiu-se a confusão. É ilustrativa a perplexidade de um austero acadêmico, ao chegar à Califórnia, pátria da nova psicologia, para um congresso de "American Psychological Association". Após descrever rapidamente o exótico ambiente, ele passa a relatar a maior atração da reunião de psicologia humanística, a apresentação do Dr. Paul Bindrim, que expõe, para a platéia fascinada de jovens humanistas deitados no chão, a tese central de sua "terapia nudista de maratona grupal": "Não será que a 'fortaleza vestuária' (sic) do

homem não apenas protege a esfera íntima do indivíduo, mas é, ao mesmo tempo, algo que ele mesmo se impõe para manter afastados todos os outros homens dos quais tem medo? Se assim fosse, o homem deveria, livrando-se da roupa, libertar os seus sentimentos" (16).

O ridículo desta assertiva não nos deve enganar, porque este desnudamento físico não é mais do que o reflexo superficial do desnudamento psicológico a que todos devem se submeter para se encontrarem com o seu *eu essencial*. Livre de roupas e máscaras, o indivíduo estará preparado para penetrar no mundo luminoso da autenticidade, no qual as relações sociais são substituídas pelo modelo da relação eu-tu, em que a comunicação das consciências deve se processar direta e imediatamente, numa transparência absoluta e sem mediação (17). Cultiva-se o desejo da profundidade, a busca do essencial, que só se desvela no reino da subjetividade pura e empírica, que se esconde sob a capa da contingência. E qual será a natureza deste mascaramento? É a vida cotidiana, enquanto tecida pelos circuitos econômicos e os mecanismos institucionais, é o mundo do trabalho e do poder, atravessado pelas contradições sociais e pela opacidade. Porque, afinal de contas, tudo isto não passa de secundário, de ilusório. A verdade da vida não passa por aí e quando esta for encontrada, tudo o mais se dissipará. Não é de se estranhar, portanto, que esta "psicologia humanista", centrada na pessoa, em terminologia rogeriana, tenha se convertido em "psicologia transpessoal", voltada para a expansão da consciência a níveis cósmicos. Evidentemente, coisas como miséria, violência e opressão são acidentalidades que desaparecerão em sua pequenez, quando a consciência, na absoluta autonomia do seu movimento, se espraiar até as últimas fronteiras do universo. E como se dará este mergulho no Ser? Pela vivência, único lugar onde pode emergir a intuição não distorcida por nenhuma forma de objetividade e racionalidade, que nos dará acesso à uma sabedoria insondável e instransferível, que escapa a qualquer parâmetro crítico (18). Nesta "noite da Razão", em que todos os gatos são pardos, aparece na paisagem da sociedade super-planificada, a figura do "guru", avatar de psicoterapeuta, trazendo todas as seqüelas do esoterismo. Multiplicam-se, assim, os grupos iniciáticos e afirma-se como um imperativo a proposição: só é conhecido o que é vivido, substituindo-se a argumentação lógica pelo fetiche da experiência. Desagua-se no mais grosseiro empirismo, com seu inevitável corolário solipsista, e fecha-se um círculo: o processo de rejeição do neo-behaviorismo, corretamente avaliado como estreito em sua concepção de cientificidade, se conclui na formulação de um idealismo fenomenista e psicologizante, que não apenas restringe, mas prati-

camente elimina todo recurso a uma racionalidade substantiva e não convencional.

Menos do que uma ironia da história, ocorreu, na verdade, uma astúcia da ideologia: para que a lógica sistêmica da sociedade planificada e auto-regulada funcione, é necessário que os indivíduos renunciem à uma compreensão objetiva da realidade. Ora, a expansão da consciência é o oposto da consolidação do Estado tecno-burocrático como poder anônimo: pois, ao se suprimir toda mediação social, em nome da subjetividade vivencial, suprime-se, simultaneamente, a racionalidade, enquanto esta é constituída na tessitura eminentemente social da linguagem. O retorno à natureza, numa direção oposta à da ecologia política, significará, ao mesmo tempo, a recuperação mística da unidade originária e a negação da história, considerada como um destino cármico. A cultura, depositária do longo e doloroso itinerário da humanidade, será julgada como um artifício, do qual o indivíduo se deve liberar.

Pode-se observar, nas inúmeras manifestações que povoam o "espaço Psi", um mesmo traço comum: o desembaraço com que se passa do *corpo* para o *cosmos,* sem sequer se mencionar a história, a cultura, a sociedade, a política. A conclusão é paradoxal: a subjetividade, privada de toda mediação e, portanto, de toda forma de expressão especificamente humana, como a sociabilidade e a linguagem, será submetida a uma interpretação naturalista e transfigurada numa espécie de "energia cósmica" — suposto fundamento de todas as coisas, como parece ocorrer na concepção delirante do último Reich (19). Ou seja, a consciência inefável, antes inapreensível em qualquer rede conceitual, de repente se *coisifica* e torna-se objeto de uma verdadeira parafernália técnica. O corpo mistificado se transformará na expressão naturalizada da consciência, possibilitando a multiplicação infinita de "terapias" a que já aludimos. Mesmo deixando de lado o inequívoco sucesso comercial que daí decorre, não é difícil se vislumbrar suas outras consequências políticas: na melhor das hipóteses, quietismo e individualismo, ou, então, pior, a pura e simples justificação "humanística" da sociedade capitalista. O ganho ideológico é múltiplo: canalização de tensões, transferência de conflitos ou apenas mistificação como na idílica visão de Rogers, que espera tornar seus "grupos de encontro" um instrumento pedagógico eficaz no aprimoramento ético da elite dirigente americana. O mundo skinneriano obteria a felicidade mediante o controle, o mundo rogeriano, mediante a espontaneidade, mas ambos os caminhos confluem para o mesmo suposto: aquilo que não está em

jogo, a *questão do poder*. Às vezes, o rosto duro deste humanismo se revela: Abraham Maslow, do alto de sua autoridade de teórico da personalidade saudável, dava conselhos sobre como combater o comunismo e tornar-se um empresário bem sucedido. E um dos seus admiradores mais impetuosos chegou mesmo a afirmar que seu livro "Eupsychian Management" seria uma resposta eficaz a "Das Kapital" (sic). Consagra-se, então, através deste "conformismo de vanguarda", que se travesté de liberdade, aquilo que Russel Jacoby chamou de "Amnésia Social" e que se poderia resumir no mandamento: "sinta mais e pense menos" (20). Nada impede que o indivíduo se libere nas "maratonas" de fim-de-semana desde que retorne depois ao mundo do trabalho, para cumprir docilmente suas funções, satisfeito por ter descoberto que a "verdade" se encontre em outro lugar. A cisão entre vida pública e privada, que há mais de um século o jovem Marx denunciara, projeta-se numa direção surpreendente: sob a sombra do Estado hipertrofiado, dissolve-se a tensão entre a heteronomia do cidadão e a autonomia do indivíduo, porque, sob o império da anomia, a liberdade será realizada na ordem do imaginário. Quando tudo é possível, é porque nada pode ser feito. Seria esta uma inversão trágica do grito audacioso que ecoava na Paris rebelde de maio de 68: não mais a imaginação no poder, mas o poder na imaginação?

NOTAS

(1) Sobre a desinstitucionalização do sistema religioso, ver: BOLAN, Valmor, *Sociologia da Secularização*. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 33-35. Para uma reflexão teológica elaborada a partir desta situação de mal-estar da teologia moral e de suas consequências pastorais, ver: LIBÂNIO, João Batista. *Pecado e opção fundamental*. Petrópolis, Vozes, 1975. p. 11-20.

(2) Cf.: FREUD, Sigmundo. *El malestar en la cultura*. in: Obras Completas, v. III, trad. Ramon Ardid, Madrid, Biblioteca Nueva, 1968. p. 1-65. É neste ensaio célebre que Freud formula a aludida equação. Texto de leitura polêmica desde o seu título: Freud usou a palavra alemã "Kultur", não respeitando a distinção que a Sociologia alemã da época reiteradamente fazia com relação a "Zivilization". Em todo caso, deve-se observar que usamos o termo "repressão" tal como foi amplamente vulgarizado, sem recorrermos à distinção entre repressão *(Unterdrückung)* e recalcamento *(Verdrängung)*. Cf.: LAPLANCHE, J. — PONTALIS, JB. *Vocabulário da Psicanálise*. Santos, Martins Fontes, 1975.

(3) Cf.: O trabalho já clássico de RIESMAN, David. *A multidão solitária.* São Paulo, Perspectiva, 1971. Usamos o termo "alienação" num sentido preponderantemente psicológico. Ver: GABEL, Joseph. *La fausse conscience: essai sur la réification.* Paris, Minuit, 1962.

(4) Sobre a onda psicologista no Brasil, após o fechamento político de 1968, ver o sugestivo artigo: MARTINS, Luciano. A geração A.I-5 Ensaios de Opinião. Rio de Janeiro, v. XI: 72-102, 1979.

(5) Tomando ao acaso alguns manuais — Para a Sociologia: CUVILLIER, Armand. *Introdução à Sociologia.* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1966. P. 22; para a Psicologia: KENDLER, Howard H. *Introdução à Psicologia.* v. I. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1975, p. 96, para a Antropologia: MERCIER, Paul. *História da Antropologia.* Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. cap. II.

(6) GRÉCO, Pierre. Épistémologie de la Psychologie. in: PIAGET, Jean (direction). *Logique et conaissance scientifique.* Paris, Gallimard, 1967. p. 927-991.

(7) O manifesto programático do behaviorismo é, sem dúvida, um artigo de Watson, de 1913: "Psicologia como um comportamentista a vê". Note-se a sua clareza meridiana: "O 'behaviorismo', em seu esforço para conseguir um esquema unitário da resposta animal, não conhece linha divisória entre o homem e os animais irracionais". Cf.: WATSON, John B. O comportamentismo. in: BORING, e. e HERRNSTEIN, Richard J. (org.) *Textos básicos de história da psicologia.* São Paulo, Herder, 1971, p. 626-636. Para uma crítica do "ratomorfismo", de um ponto de vista neurofisiológico, ver o sugestivo livro: KOESTLER, Arthur. *O fantasma da máquina.* Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

(8) SARTRE, Jean-Paul. *Esboço de uma teoria das emoções.* Rio de Janeiro, Zahar, 1965. Trata-se de um texto simplista, mas ainda estimulante em suas críticas.

(9) PENNA, Antonio Gomes. *Introdução à história da psicologia contemporânea.* Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

(10) Cf.: MAY, Rollo. O surgimento da psicologia existencial. in: Id. (org.) *Psicologia existencial.* Porto Alegre, Ed. Globo, 1974. p. 3. Ver também GREENING, Thomas C. (org.). *Psicologia existencial-humanista.* Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

(11) MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser.* Rio de Janeiro, Eldorado, 1ª parte.

(12) MAY, Rollo. Id. p. 32.

(13) MAY, Rollo. Id. p. 47.

(14) MAY, Rollo. Id. p. 41.

(15) MASLOW, Abraham H. Id. p. 56.

(16) KOCH, S. Psicologia e ciências humanas. in: GADAMER, H.G. e VOGLER, p. (org.). *Antropologia filosófica.* São Paulo, E.P.U., 1977, p. 164-165.

(17) É o que Adorno chama ironicamente de jargão da autenticidade ("Jargon der Eigentlichkeit"), de procedência heideggeriana. Cf.: ADORNO, Th. W. *La ideología como lenguage.* Madrid, Taurus, 1971. p. 24-25. Bento Prado Jr. analisa, num artigo brilhante, esta questão, em relação à terapia gestáltica. Ver: PRADO Jr., B. O Neopsicologismo humanista. *Discurso.* São Paulo, (13): 87-94, 2º semestre de 1980.

(18) PRADO Jr., B. Id. p. 91.

(19) Ao referirmo-nos desta forma ao último Reich, queremos diferenciar nitidamente suas teorias originais, bastante fecundas, das idéias do período americano, quando seu comportamento apresentava claros sinais de deterioração. Cf.: DE MARCHI, Luigi. *Wilhelm Reich – biografia de una idéia.* Barcelona, Península, 1974. Para um depoimento interessante sobre o estado psicológico de Reich no final de sua vida, ver: REICH, Ilse Ollendorff de. *Wilhelm Reich: una biografia personal.* Barcelona, Granica, 1978.

(20) Deve-se a respeito consultar o excelente estudo de Jacoby sobre a psicologia conformista de Adler a Laing. Cf.: JACOBY, Russell. *Amnésia Social.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977. p. 61-87. Ver também: ROUX, Jorge. *A irracionalidade em psicologia.* Petrópolis, Vozes, 1978.